

POR GIOVANNA KUNZ E JÚLIA CHRISTINE\*

**N**ão é mais sobre “envelhecer com tranquilidade” ou aceitar uma vida mais lenta e recolhida. Uma nova forma de viver a maturidade vem ganhando espaço, mais ativa, mais autônoma e, sobretudo, mais livre de rótulos. É nesse contexto que surge o conceito de Nolt (New Older Living Trend), uma tendência que traduz o desejo de pessoas com mais de 60 anos de continuarem sendo protagonistas de suas próprias histórias.

Essa mudança não ocorre apenas no discurso. Ela se revela no cotidiano, nas escolhas e, principalmente, nas histórias de quem decidiu não parar. Aos 86 anos, Eloá Menezes de Santana é um desses exemplos. Foi depois de um momento de perda que a vida dela ganhou novos caminhos. “Quando eu comecei a viajar, foi sozinha, porque foi depois que fazia um ano que o meu marido, Santana, tinha falecido”, conta.

A primeira viagem internacional, que originalmente faria ao lado do marido, precisou ser reinventada. “Estava tudo pago, seria dia 5 de novembro, ele morreu dia 2. Eu tive que cancelar tudo, troquei pra outubro e fui com a Andréia, minha filha.”

Apesar da dor ainda presente, Eloá decidiu seguir. “A primeira viagem não foi muito boa, porque eu ainda estava muito chateada, muito triste. Mas foi bom, foi bom conhecer a Espanha e a França”, lembra.

O que poderia ter sido apenas uma tentativa pontual virou um novo estilo de vida. Aos 70 anos, ela deu início a uma jornada que hoje soma experiências em diferentes partes do mundo. “Arrumei um grupo de senhoras e continuamos a fazer viagens. Elas vinham, faziam reunião no salão de festas aqui de casa e eu continuei viajando para todo lugar com elas”, afirma.

O mais impressionante não é apenas a quantidade de destinos, mas a forma como Eloá encara tudo isso. Medo, para ela, nunca foi um impeditivo. A mudança mais profunda, no entanto, não foi geográfica, foi interna. “Mudou a minha liberdade, eu me sinto mais livre”, resume.

Hoje, com 28 países visitados, ela faz planos e não pretende parar enquanto “não cair as pernas”. “Eu queria ir para a Tailândia, estou vendo com as minhas amigas”, conta. Para Eloá, viajar é mais do que lazer. É transformação. “Você sai e não volta a mesma, você volta sabendo outras coisas que não conhecia. É muito bom.”

A história de Eloá traduz, na prática, o que especialistas já observam há algum tempo, envelhecer deixou de ser sinônimo de encerramento e passou a ser entendido como continuidade.

# NOLT: MATUREZADE SEM RÓTULOS



Eloá Menezes de Santana (centro) com amigas em cruzeiro

Longe dos estereótipos da “terceira idade”, pessoas com mais de 60 anos assumem o protagonismo da própria história e mostram que envelhecer pode ser sinônimo de liberdade



Eloá fez um cruzeiro pela Europa e encontrou com o filho, Ulisses de Santana, em Roterdã, na Holanda